

Incremento dos estudos epidemiológicos no País

Será realizado no período de 17 a 18 de julho, na Universidade de Brasília um curso que tem por tema: "Câncer na Boca", dando prosseguimento ao I Congresso Odontológico de Brasília e ao VI Congresso Brasileiro de Odontopediatria. O curso terá a duração de 16 horas e é considerado como de extensão universitária. Serão relatores os professores Volnei Garrafa, do Departamento de Biologia Animal da UnB, e o Doutor Abrão Rapoport, do Instituto Central da Associação Paulista de Combate ao Câncer.

Segundo o professor Volnei Garrafa, desde que existam condições para que estudos epidemiológicos venham a ser instituídos, vários, setores das áreas da saúde passarão a ser favorecidos, sendo que muitos deles necessitarão de revisões e reequacionamento nas suas bases fundamentais. A Epidemiologia é a ciência que observa as doenças que ocorrem numa determinada população, comparando os dados obtidos, com os de outras populações em diversas situações geográficas, sócio-econômicas, ocupacionais, raciais etc.

MORTE

Estudos epidemiológicos mostram que a causa principal de óbitos na maioria dos países, decorre de doenças cardiovasculares. No Brasil, o segundo item de mortalidade é devido a subnutrição. O Ministério da Saúde tem como objetivo básico promover o controle das doenças epidemiológicas: sarampo, tuberculose, difteria, tétano, coqueluche, poliomielite e manter erradicada a varíola. Vem executando em todo o País, com programação até 1980, um Programa Nacional de Imunização, movimentando recursos da ordem de 220 milhões de cruzeiros e contando com a participação da Central de Medicamentos e das Secretarias de Saúde dos Estados. O Programa protegerá até 1979, contra as doenças epidemiológicas, cerca de 16 milhões de crianças.

O programa estabeleceu em suas metas para os próximos seis anos: reduzir as taxas de mortalidade provocadas pelo sarampo, coqueluche e tétano a um, um e um e meio por 100 mil habitantes, respectivamente. Reduzir as taxas de morbidade por difteria e poliomielite ao índice de um e meio também por 100 habitantes. A mortalidade por tuberculose, segundo o Ministério da Saúde deverá ser reduzida de 50 a 65 por cento, enquanto a da varíola será mantida em zero.

CÂNCER

Segundo o professor Volnei o câncer é a terceira causa de morte em nosso País. As maiores frequên-

cias registradas para as neoplasias malignas no Brasil, de acordo com a localização anatômica, são as de colo uterino, pele, mama e cavidade bucal. Tais localizações são justamente as que permitem diagnóstico precoce, sendo portanto, representativa a porcentagem das lesões ali sediadas passíveis de detecção. O "Câncer na Boca", parte do princípio já comprovado, que mais de 3/4 partes dos cânceres humanos são influenciados direta ou indiretamente, por fatores externos. Mais de 90% dos tumores malignos da cavidade bucal são de origem epitelial ou seja, sua manifestação inicial é em epitélio de revestimento, e localizada; tal fato sugere que grande parte destas neoplasias possa ser evitada ou pelo menos detectada. Os dados estatísticos de Câncer em 27 hospitais filiados à Campanha Nacional do Câncer da Cavidade Bucal em homens ocupa o 2º lugar em incidência decrescente com o elevado índice de 17,7%; na mulher, ocupa o 4º lugar com um índice de 2,8%. A incidência do câncer de boca e faringe para ambos os sexos no Instituto Central da Associação Paulista de Combate ao Câncer, gira em torno de 15,2%. Nos Estados Unidos estas estimativas não chegam a atingir 3% nos homens e 2% nas mulheres.

O alto nível sócio-econômico educacional dos norte-americanos parece explicar a baixa incidência de lesões malignas de boca entre eles. O desconhecimento dos hábitos de boa higiene, a criação de costumes viciosos relacionados com a cavidade bucal, o não comparecimento periódico em consultório odontológico, ocasionado por fatores educacionais e econômicos contribuem para que se possa afirmar estar o aspecto sócio-econômico diretamente relacionado, a altas porcentagem destas alterações entre nós. É indubitável a importância do papel representado pelo cirurgião dentista na luta contra as neoplasias malignas da boca. A julgar pelos dados dos pesquisadores Sarant e Schour, aproximadamente 40% dos cancerosos de cabeça e pescoço procuram o dentista antes do médico. Além disso, explica o professor Volnei, pelas consultas periódicas a consultórios odontológicos, pode ser evitado o desencadeamento de muitos casos de câncer da boca pelo simples afastamento de um agente predisponente, ou mesmo a lesão maligna já instalada ser diagnosticada precocemente em um simples exame clínico de rotina. Salientou o professor Volnei que, em 1971, ao se estudarem 211 casos de câncer das gengivas, constataram que para esta região anatômica os odontólogos foram procurados primeiramente em 56 dos casos. Pesquisando no entanto a conduta destes profissionais perante esta problemática, os dados encontrados foram pouco animadores, pois eles falharam no diagnóstico em

74% dos 118 casos estudados. Esta falha diagnóstica fez com que o tempo perdido pelos pacientes até o início do tratamento fosse retardado em 5 meses, ocasionando uma queda do assintomático 5 anos de 45% para apenas 16%, considerando-se os casos diagnosticados e os não diagnosticados pelos dentistas.

PROFISSIONAIS

Observou o professor Volnei, que estes dados sugerem a efetivação de um estudo sobre o ensino de cancerologia nas Faculdades de Odontologia do Brasil, na dúvida de que o problema poderia estar vinculado à capacidade dos profissionais responsáveis ou aos programas de ensino das escolas incumbidas do seu preparo. Salientou que entrevistando 512 alunos do último ano do curso de Odontologia de 18 faculdades de 8 Estados do Brasil, concluiu que os futuros cirurgiões-dentistas não estão sendo suficientes e convenientemente preparados no campo da cancerologia para enfrentar a vida profissional. Pela alta incidência do câncer da boca no País, uma maior atenção deveria ser dada ao assunto por parte dos responsáveis pela sua ministração. Observou o professor Volnei, nesta mesma pesquisa, que 56% dos entrevistados confessaram que pelo preparo recebido, não teriam condições de diagnosticar neoplasias malignas de boca caso já estivessem clinicando. Dos entrevistados 59% nunca havia visto um caso clínico de câncer de boca durante o curso, e uma expressiva maioria de 83% nem ao menos teve a oportunidade de realizar uma simples biópsia, que é tão importante nestes casos. Por estes dados, diz o professor, concluiu-se que a alta incidência do câncer da boca no Brasil deve ser atribuída não só a fatores sócio-econômicos, mas também à má qualidade da orientação recebida pelos profissionais responsáveis pela sua prevenção e diagnóstico precoce.

DETECÇÃO

Diz o professor Volnei, que é grande a dificuldade para a elaboração de um programa realmente eficaz de profilaxia e detecção através do diagnóstico precoce, do câncer bucal em nosso meio. "Apesar de todas estas dificuldades, o Ministro da Saúde, através da Divisão Nacional do Câncer, por intermédio do seu presidente dr. João Sampaio, não tem poupado esforços no sentido de abrir caminhos para a resolução do problema."